

## Aula 16

### Conversão Judaica x Retorno ao judaísmo

Neste estudo, tentaremos desmistificar um assunto muito polêmico e controverso, a conversão e/ou o retorno ao judaísmo. Polêmico devido ao fato de que se desconhece todos os pormenores das Halachot (e não Halachah) que envolvem os fatores legais e jurídicos para adentrar ao judaísmo, e controverso pois muitos apenas identificam costumes como Halachah. Neste sentido, costumes de uma única comunidade judaica, devido ao desconhecimento de obras como o Talmud e principalmente a própria Torah, acabam ganhando peso de Lei (Halachah).

Em primeiro lugar, devemos entender o Judaísmo não como uma religião, nem como apenas um conceito de nação, mas sim como algo muito maior e diferente disto tudo, pois sendo a única expressão cultural (conceito mais apropriado) que surgiu na antiguidade e que sobreviveu até os dias atuais (pois o cristianismo surgiu na verdade no começo da Idade Média, antes do fim do Império Romano do Ocidente). E como expressão cultural e espiritual, possui códigos de condutas éticas e morais, que servem para guiar a vida de seu participante na sociedade. Judaísmo então é muito mais uma religião do que uma nacionalidade, pois ser Judeu é uma experiência religiosa e espiritual, enquanto israelense é quem vive no atual estado de Israel, podendo ser Judeu, Cristão, Muçulmano ou Druso.

Como citado em estudo anterior, o processo de Teshuvah (arrepentimento/retorno) é a reintegração ao seio religioso do povo Judeu (não ao povo Israelense), um direito de todo o judeu afastado (tanto o que se afastou porque quis quanto aos anussim e bnei anussim). Como nas palavras de Rambam (que também foi anussim, e pouco se divulga disso) o “forçado” é judeu e sua linhagem é judia até o final dos tempos. Só com esta declaração de Rambam, um dos maiores racionalistas e comentarista judaico, sendo reconhecido como ponto de orientação para questões jurídicas judaicas, onde ao surgir dúvidas sobre aplicação da halachah recorresse a sua interpretação, bastaria para que todo o “judaísmo mundial” reconhecesse os anussim e bnei anussim como judeus que de fato são.

Definido Judaísmo e Teshuvah, passaremos a abordar o que é Conversão (Guiur). Para começar, afirmamos categoricamente que não existe uma conversão que não seja de acordo com a “halachah”, pois a própria halachah é bem complexa, e não tão definitiva assim. Os únicos pontos inquestionáveis na halachah para uma conversão masculina são três: circuncisão (Brit); imersão (Tevilá) e aceitação (das Mitsvot). Estes são os únicos três pontos que a halachah é unânime. Mas mesmo dentro destes três pontos, existem algumas regras que definem a validade ou não de cada um destes itens. Mas antes de passar para estes pormenores (que de certa forma interferem até mesmo na relação de quem é judeu pela halachah) iremos adentrar na diferença entre Judeu e Não-Judeu, e desmistificar a opinião de muitas comunidades, que tomam a sua tradição e seus costumes por Lei e acabam criando um Judaísmo totalmente diferente do que esta na Torah e no Talmud.

Comumente se propaga a ideia de que Judeu é todo o que nasce apenas de mãe judia ou o que se converte pela Halachah. Até aqui, se fosse exatamente isso que estivesse tanto na Torah, como na sua interpretação jurídica (Talmud) como na própria tradição que muitos ortodoxos propagam, o problema seria muito simples de se resolver. Mas vamos as alegações da tradição ortodoxa. Os ortodoxos afirmam que Abraham foi o primeiro judeu, mas se isto é verdade, quem o converteu? Pois como não nasceu de ventre judaico, logo teve de ser convertido. E a conversão de Abraham deu-se em um longo período (processo de conversão) onde ele foi aprendendo diretamente da voz de Deus o que viria a ser a religiosidade e espiritualidade judaica. Tomando Abraham como o protótipo de judeu, sendo o primeiro e um converso, e sendo o pai de todo o novo converso, analisamos o seu processo e o de seus filhos, netos e bisnetos.

Abraham passou pelos três fatores acima, sendo a circuncisão o último deles. Teve a aceitação das Mitsvot do Eterno, como o relato bíblico deixa claro em vários pontos, mas a sua imersão não está clara (mas como historiador), podemos entender que isso passou a ser um fator externo, simbólico, para os próximos a serem convertidos, como fica claro na declaração do Sinai, e nas leis que Moshe passou ao povo para regulamentar sua unicidade, deixando a imersão (usada em vários casos diferentes) como um símbolo próprio (e não público) de arrependimento pelo erro cometido. E por fim sua circuncisão, e de todos os homens de sua família e dos que estavam sob sua tutela. Mas voltando ao fato da imersão, muitas halachot sefaradim a dispensam no caso dos anussim, por entender que eles não tem de se arrepender por estarem fora do judaísmo, pois foram forçados, e não por vontade própria, e aqueles que saíram por vontade própria, estes sim teriam que a realizar. Outras halachot sefaradim falam que o anussita deve sim imergir, como uma forma de se depurar dos males que a idolatria causou ao respingar em sua vida. Ou seja, não obriga e nem exime a imersão, mas por via das dúvidas, é recomendável que se faça como uma forma simbólica de estar se renascendo.

A partir de Abraham (considerado o primeiro judeu), porque seus dois filhos não são judeus e apenas Itschaque? Muitos dirão que Ismael não era filho da Judia Sara, o que não está correto, pois a mesma segue uma prática de adoção espiritual ao estar diante de sua escrava no parto e assumir o filho como dela e do marido, para que a criança seja considerada um filho legítimo (pois Hagar sendo escrava, daria filhos bastardos). Mas Ismael não é judeu. O que fica claro que não é apenas a linhagem materna que define, e sim a aceitação das Mitsvot, a filiação judaica (por pai ou mãe) e a brit milá (apenas para os homens).

Um outro ponto fundamental é sobre casamentos mistos, pois até então o único convertido era Abraham, sua esposa era ainda uma mesopotâmica, de origem politeísta, que foi considerada uma conversa ao final do processo do marido apenas, e então temos o primeiro casal de judeus. Esse ponto é validado no Talmud, onde na porção Yevamoth 45b, Rav Asi e Rav Yoshua ben Levi concordam que se a mãe for uma não-judia e o pai for judeu, e a criança dos dois for criada na tradição, basta ela apenas aceitar o jugo da Torah e realizar imersão para a pureza familiar e será considerada uma judia, e o filho dos dois um judeu pleno.

Dos dois filhos de Abraham, apenas Itzchaque é considerado "judeu", pois foi o único a seguir o caminho de seu pai. Seus dois filhos, gêmeos (o que corrobora com a hipótese de

que judeu é por pai ou mãe ou conversão, e que além, disso deve aceitar as Mitsvot do Eterno), apenas um, Yacov, é antepassado do povo judeu, pois Esav é pai de um dos povos inimigos de nossos antepassados, mas que mesmo assim não devem ser jamais afastados da Torah de acordo com o entendimento de Rambam, Sefer HaMitsvot, proibição de número cinqüenta e quatro.

Após Yacov, praticamente todos os seus doze filhos homens se casaram com mulheres não-judias, mas todos os seus filhos são nossos antepassados, ou seja, judeus, pois aceitara as Mitsvot e foram criados na tradição. Se a linhagem judaica fosse apenas por linha materna, onde está a tribo da Filha de Yacov, Diná, a única filha mulher e pelo pensamento ortodoxo a única a poder passar a judaicidade de nosso povo.

Na própria saída dos hebreus do Egito, sob liderança de Moshe, muitos egípcios que aceitaram o jugo da Torah estavam entre os hebreus. E baseado nisso, na proibição de número cinqüenta e cinco do Sefer HaMitsvot de Rambam, está claro que não devemos afastar os descendentes dos egípcios de nosso meio, ou seja, dos egípcios que se converteram.

Podemos ver em várias partes da Torah, que mesmo sendo filho de pai ou de mãe hebréia, a criança era considerada hebréia, israelita e finalmente judia, desde que aceitando as Mitsvot e se fosse menino deveria ainda ter a circuncisão, e por fim, criado dentro da tradição. Mesmo após o retorno do cativo da babilônia. Ao contrário do que reza a ortodoxia, não foi Ezra que mandou que os israelitas se separassem de suas esposas estrangeiras e mandassem-nas embora com seus filhos. Basta ler o livro de Ezra, capítulo 10, e veremos que isso foi interpretado de forma errada por alguns rabinos:

“Então Sequenias, filho de Jaiel, descendente de Elam, disse a Esdras: Fomos infiéis ao nosso Deus, casando-nos com mulheres estrangeiras, tomadas da população local. Apesar disso, ainda há esperança para Israel. 3 Nós nos comprometemos, com o nosso Deus, a despedir todas as mulheres estrangeiras e os filhos que tivemos com elas, conforme o conselho do meu senhor e dos que observam o mandamento do nosso Deus. Que a lei seja cumprida! 4 Levante-se, porque este assunto compete a você. Estamos do seu lado. Coragem e mãos à obra!”

Não foi ordem de Deus, mas sim promessa do próprio povo. Mas isto foi prometido, devido ao fato destas mulheres serem e continuarem a ser idólatras, e passarem a crença da idolatria aos seus filhos, como fica claro no capítulo anterior, onde os o texto afirma que estes que casaram com estas mulheres é que abandonaram a fé no Criador, e mesmo assim, por serem judeus, fizeram Teshuvah e retornaram ao seio do povo, de forma religiosa.

Se a judaicidade fosse passada só pelo ventre, não teria a discussão citada acima por dois grandes rabinos, que concordam que mesmo a mãe sendo uma “idolatra”, se deixar a idolatria apenas e aceitar as Mitsvot, seu filho com um judeu, sendo criado na tradição, será judeu de fato e de direito. Rabi Yossef (Yabia Omer 1, Yoreh Deah 19), citando o Shulchan Aruch, que por sua vez cita Rambam e Rif, e explora a questão, averiguando que no tempo Talmúdico existiam várias diferenças com o tempo presente (no momento em que ele escreve), e muito mais no tempo atual (agora). O exemplo que Rabi Yossef toma por base é que no tempo talmúdico, a água usada em mikvê, por ser recolhida pela chuva ou através de canais vindos de rios, a água não era tão límpida quanto a de hoje, o que permitia na época talmúdica que um

Bet Din estivesse presente na conversão de uma mulher, o que hoje em dia impossibilita, devido a transparência da água, permitir que se veja a nudez da mulher.

Agora que comprovado esta que a judaicidade é tanto por pai quanto por mãe judia ou por conversão (aceitação de Mitsvot, Brit Milá [homens] e Tevilá), os filhos são sempre judeus, considerados naturais. Mas o fato que complica o entendimento de conversos é que na Torah encontramos várias palavras traduzidas por “estrangeiro”, ou seja, para se referir ao não-judeu.

A Torah fala, por exemplo, em Guer (peregrino) e o Nokheri ou Nekar (estrangeiro), mas na própria questão do Guer, existem dois tipos diferentes, que são: o Guer Toshav (o peregrino, que mora junto aos Israelitas, mas que não deseja se unir ao povo, pois sua estadia era temporária), e o Guer Sedeq (o peregrino justo, aquele que pretende se unir ao povo, que manifesta o desejo de se tornar um natural). Já o Nokheri, que literalmente significa “cortado” do povo de Israel, ou seja, um estrangeiro de fato, um não-judeu, que apenas passavam por Israel, mas geralmente nem pernoitavam. Vejamos que não foi usado o termo Goi, que hoje se utiliza para designar um não-judeu, mas que na verdade significa aquela pessoa de uma das setenta nações do mundo. Sendo assim, nem todo o Goi é igual.

Quando falamos em “prosélito”, na aquele que deseja se converter, não podemos nos esquecer da Mitsvah positiva que manda que amemos o converso, mais do que o natural. Então, o correto para prosélito, seria o termo Guer Sedeq, alguém que não nasceu judeu, mas que se torna judeu, abdicando suas crenças anteriores para absorver nossas crenças. E como se dá esta inclusão? Através de pontos fundamentais, como a aceitação das Mitsvot do Eterno, a Circuncisão para os homens, e posteriormente se impôs a imersão ritualística (Tevilá) como símbolo de purificação de uma vida de idolatria. Estes são os únicos três pontos fundamentais que se deve exigir de uma pessoa que se converte, mas mesmo assim, requerem entendimento para a sua aplicação.

Sendo homem, deve ter a circuncisão para confirmar o pacto com o Eterno, e isso é indiscutível em qualquer linha que seja realmente judaica, independente se for ultra-ortodoxa ou moderna, conservadora ou liberal, a circuncisão é inquestionável. O próximo fundamento é aceitação de Mitsvot, ou seja, se deve ensinar aos Guer Sedeq o mínimo e fundamental da Lei, para que ele saiba que é isso que deseja. A halachah fala somente em aceitar as Mitsvot, não fala que ele, o Guer Sedeq, deve saber tudo de cor e salteado, mas sim que deve saber o mínimo para tal aceitação, pois se souber tudo, pode ficar constrangido e desistir. E tanto a circuncisão quanto a aceitação de Mitsvot devem ser conferidas pessoalmente por um Bet Din? A ortodoxia diz que sim, mas a Halachah diz que é recomendável, mas não indispensável.

Vejamos o resumo de uma discussão Talmúdica sobre o fato: Rabi Hiya bar Aba diz que para estes processos devem estar presentes três, mas não diz que devem ser rabinos, ou um Bet Din, mas apenas três. Já no Talmud em Yevamoth 47b, fala-se apenas em dois. Em outras partes do Talmud não fala em números, mas apenas que deva ter testemunha, e aí coloca-se como uma nota de explicação a discussão proposta por Rabi Hiya, como um apêndice, uma referencia, mas não como uma obrigação. Podemos dizer que em toda a seção Yevamoth, encontramos estes pormenores, que salientam que Tanto a Brit Milá quanto a aceitação de Mitsvot devem ser acompanhadas por testemunhas, mas a aceitação deve ser pelo Bet Din, mas não necessariamente de forma presencial. Poderíamos entender que

escrevendo uma declaração e enviando ao Bet Din, o converso firma sua palavra a estes de que aceita as Mitsvot. Primeiro problema resolvido onde não se tem um Bet Din presencial.

A solução para a Brit Milá é ser feita por um Mohel, mas caso de já ter feito antes de se converter? Ou se na região não existir um Mohel? O Shulchan Hamelech, que é a compilação do Shulchan Aruch, mas somente com leis referentes para as comunidades Sefaradim, que fala que em ultimo caso, na impossibilidade de se conseguir um Mohel, ou um cirurgião judeu, pode ser feito por um cirurgião não-judeu. O que entende-se que uma vez retirado o prepúcio, ao aceitar as Mitsvot, sua Brit Milá estaria automaticamente validada, mas pode ser que por convenção rabínica necessite da retirada de uma ou três gotas de sangue do local onde se encontrava o prepúcio.

Resolvido dois dos três fatores necessários para a conversão, ou seja, a aceitação das Mitsvot, tanto direta quanto indiretamente ao Bet Din, a circuncisão por Mohel ou por Médico, assistido por Judeus, ou sem assistência tendo que ser validada diante de um Rabino, passaremos a descrever o último passo que seria a Tevilá, a imersão ritual em um Mikvê. Lembrando que se for mulher, apenas a aceitação e a tevilá (que veremos a seguir), pois esta não possui prepúcio a ser retirado.

A Tevilá é realizada em Mikvê natural (rio, lago ou até mesmo mar) ou artificial (espécie de piscina construída para este fim, e cheia de água da chuva). O converso após aceitar as Mitsvot, entra na Mikvê até o pescoço e deve então mergulhar na água, mas no próprio Talmud não se tem uma regra se a tevilá deve ou não ser feita na presença de testemunhas, e ainda mais na presença de um Bet Din. Nas discussões citadas anteriormente, os Rabinos envolvidos são categóricos e por mais que afirmem que deve ser diante de um Bet Din, deixam aberta para outras possibilidades, tudo para não criar empecilho ao converso.

De acordo com o livro Sefer halakhot Gedolot , Leis de Circuncisão, p. 152, se o Guer Sedeq, converso (homem ou mulher), se ao aceitar as Mitsvot em seu coração (e o homem for circuncidado), e se tiver a prática de realizar imersão para a pureza familiar, é considerado como tendo aceito Mitsvot e esta imersão válida como Tevilá com fins de conversão. Se esta imersão torna-se válida, logo não é exigida a presença de um Bet Din para acompanhar a Tevilá, ainda mais no caso de uma mulher.

Como já dissemos neste estudo, antigamente, como as águas recolhidas eram turvas, um Bet Din poderia e até deveria acompanhar uma Tevila feminina, mas como hoje em dia tudo é mais higiênico, e as águas em uma Mikvê artificial são transparentes, é teoricamente proibido a presença de um Bet Din, para que não vejam a nudez feminina. Por respeito, a mulher pode fazê-la só, ou na presença de uma testemunha mulher. Por mais que em Israel tenha-se o costume atual de as mulheres realizarem Tevilá com roupões (o que iria contra, pois o recomendável é estar nu), seria mais Halachico a imersão só ou com apenas uma testemunha feminina.

Mas temos ainda outras opções de tevilá que validam a conversão. Pois como a Torah manda que sempre se preserve a vida, e se for arriscado fazer a imersão durante o dia, pode-se fazer a noite, e daí, por ser de noite se dispensa o Bet Din. A imersão a noite se considera ainda em caso de extrema urgência, e que não se pode esperar pela chegada do Bet

Din. Imaginemos um converso, que após anos de estudo, Brit Milá, aceitação de Mitsvot, esta prestes a morrer, não teria ele o direito de morrer como Judeu? Devido a sua dedicação?

Mas imaginemos que todo este processo se dá em um lugar onde não existe rio, lago, mar, nem chove, onde exista apenas poços de água natural ou pequenas nascentes, como se daria a Tevilá? Bom, o Rabi Nachmam de breslev fala-nos da realização de “lavagem do corpo”, onde se derramaria sobre a pessoa, de uma vez, da cabeça para o resto do corpo, o equivalente a 12,5 litros de água, de fonte natural. Mas este procedimento deve ser apenas a ultima forma de se realizar a tevilá, pois Tevilá é Imersão, e devemos imergir em água, a fim de renascermos espiritualmente. E mesmo feito esta lavagem, assim que possível deve ser feita a Tevilá de forma adequada.

Analisando os três pontos para a conversão de acordo com Torah, Talmud, e fontes Rabínicas, iremos analisar o procedimento do United Beth Din para averiguar se o mesmo é condizente e halachico.

De acordo com o proposto e exposto por seu Av Bet Din, o Rabino Anderson Fonseca, o candidato a conversão (Guer Sedeq), passa pelos seguintes processos:

- É-lhe explicado inicialmente o que vem a ser o Judaísmo, bem como suas implicações morais e sociais, as principais Mitsvot a serem seguidas, bem como a mudança na vida que terá de ser tomada, onde após esta análise o candidato opta por realizar o processo ou não (aqui temos a aceitação de Mitsvot);
- O converso se submete a um período de estudo onde irá aprender mais sobre judaísmo, passará por questionários, entrevista e produção textual para comprovar seu aprendizado, será incentivado a começar a prática e vivência religiosa (aceitação e compreensão de Mitsvot, ou seja, a continuação do item anterior). Aqui se prova o compromisso da linha e a seriedade do Bet Din;
- O homem é informado do prazo para realizar sua Brit Milá, onde lhe é informado que deve realizar com Mohel, caso não possa deverá fazer com médico e após deve oficializá-la perante um dos Rabinos do Bet Din (pelo menos), o que caracteriza o mesmo que foi discutido no estudo;
- Por fim, não se dispensa a imersão em Mikvê, seja ele natural ou artificial, e na presença de testemunhas, onde se deve documentar e enviar ao Bet Din, se este não estiver presente.

Como podemos analisar, o processo proposto pelo United Beth Din segue rigorosamente o que pede a halachah, indo além do mínimo exigido e requerendo o que está na Lei, não aceitando ajustes, mas apenas aplicando as discussões possíveis pela Halachah, como demonstrado no presente estudo.

Sendo assim, esperamos que as duvidas sobre conversão de acordo com a halachah tenham sido solucionadas, a fim de ficar claro para qualquer pessoa que deseje conhecer uma das varias linhas judaicas, as que realmente são judaicas, pois todo o judaísmo verdadeiro deve seguir o que se encontra na Halachah e principalmente na Torah. Em outras palavras,

toda a linha dita judaica, mas que dispensa um destes três itens (Brit Milá, Tevilá, Aceitação de Mitsvá), ou que cria empecilhos ao converso não deve ser reconhecida como uma linha judaica autêntica, pois na própria Torah está escrito que a Torah é para toda a humanidade, e o próprio Rambam descreve em seu Sefer Hamitsvot que não se deve afastar os Guerim que desejam se juntar ao povo; coloca ainda como uma Mitsvá positiva o “Amar ao Converso”, entre várias outras instruções sobre o ato de facilitar e não o de afastar.

Um forte abraço e Shalom a todos.

Até a próxima aula. Anote suas considerações e encaminhe ao seu Rosh ou Rabino para serem respondidas todas suas dúvidas. Shalom!

Obs.: Temos nosso projeto de aquisição de Sefarim Torot (Rolos de Torá), também é uma Mistvah, participe, adquira letras e ajude a colocarmos um Sefer Torah em cada comunidade.

Estamos ainda fazendo um levantamento para a confecção da primeira leva de Talit Kasher feitos no Brasil.